



A lógica do embranquecimento no conto de a gata borralheira: intersecções entre raça e gênero no contexto educacional

Ravelli Henrique de Souza¹; Rodrigo Pedro Casteleira²

Resumo

Este estudo tem por objetivo compreender as dimensões de poder, sob as definições foucaultianas, a fim de identificar suas relações com os contos literários no que tange as intersecções entre gênero e raça. De modo a estabelecer as análises de modo mais fechado, selecionamos o conto literário “A Gata Borralheira”, dos Irmãos Grimm (2018). Originalmente ele fora intitulado de “Aschenputtel”, traduzido do alemão para o português como “Cinderela”, no entanto, tensionamos a mensagem explícita do termo ‘borralheira’ configurada na descrição: “viver entre as cinzas”. Assim, pretendemos suscitar debates acerca do que o adjetivo de escurecimento sob a via das cinzas, pensado junto à ideia de gênero e trabalho doméstico, acabam por ecoar em contos infantis como esse. As intersecções estarão sob a mira de Kimberlé Crenshaw (2002) para que as categorias de raça e gênero sejam pensadas à luz de discussões contemporâneas (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010; BETTELHEIM, 2018; CAMPOS; CASTELEIRA, 2020), implicando em uma possibilidade de defender que o conto por sua vez impede o deslocamento subjetivo e político no processo de construção da identidade negra e desnaturaliza a mulher enquanto subserviente no espaço social. Desta maneira, há a necessidade de ressignificá-lo para a efetivação de uma sociedade igualitária livre das amarras ideológicas da raça, do sexo, dos gêneros e das sexualidades.

Palavras-chave: conto literário; gênero; raça.

¹ Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Educação, e-mail: ravelli_28@hotmail.com

² Universidade Federal de Rondônia. Doutor em Educação, e-mail: pccasteleira@gmail.com

The logic of whitening in the tale of the cat cat: intersections between race and gender in the educational contexto

Abstract

This study aims to understand the dimensions of power, under the Foucauldian definitions, in order to identify their relationship with literary tales regarding the intersections between gender and race. In order to establish the analyzes in a more closed way, we selected the literary tale "The Borralhaera Cat", by Irmãos Grimm (2018). Originally it was called "Aschenputtel", translated from German into Portuguese as "Cinderella", however, we tension the explicit message of the term 'borralheira' configured in the description: "live among the ashes". Thus, we intend to provoke debates about what the adjective of darkening under the path of ashes, thought along with the idea of gender and domestic work, ends up echoing in children's tales like this. The intersections will be targeted by Kimberlé Crenshaw (2002) so that the categories of race and gender can be thought in the light of contemporary discussions (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010; BETTELHEIM, 2018; CAMPOS; CASTELEIRA, 2020), implying a possibility to defend that the tale in turn prevents the subjective and political displacement in the process of construction of black identity and denaturalizes the woman as subservient in the social space. Thus, there is a need to reframe it for the realization of an egalitarian society free from the ideological bonds of race, sex, genders and sexualities.

Keywords: fairy tale; genre; human race.

Introdução

Esta pesquisa objetivou, entre outras coisas, compreender algumas dimensões de poder a fim de identificar suas relações em conto literário específico, a saber "A Gata Borralhaera", no que tange as intersecções entre gênero e raça. Foucault (1996) defendia o conceito de que o poder possui uma genealogia inerente de uma história da subjetividade, deste modo, o poder é visto como um ato. A explicação foucaultiana acerca do poder revela-o não como uma materialidade centrada em uma pessoa, como um rei ou rainha, mas aquilo o qual todas as pessoas possuem, sem que alguém o tenha dado ou que possa ser retirado.

No processo de compreensão das sanções, Foucault (1996, p. 91) alega que “o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de certo poder e, por isso, veicula o poder”. Uma vez que o poder quando concernente às relações discursivas projeta-se em formato de dominação sobre os indivíduos, espalhando-se de maneira passiva e dócil, mas também de resistência. “Essas relações de normalidade e de normalização (a da sociedade) amparam-se nas estruturas de poder, no nosso caso, formatadas sob o estatuto da branquidade que, por sua vez, formata o (que seja) humano” (CAMPOS; CASTELEIRA, 2020, p. 24).

No que concerne às intersecções, discutimos sob as perspectivas de “interseccionalidades” proposta por Kimberlé Crenshaw (2002), o que constitui uma ferramenta de problematizações nas flexões entre raça e classe social, bem como nas dos estudos de gênero relacionados às opressões. Às interseccionalidades:

Tratam especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

O conceito de interseccionalidades possibilita identificar múltiplas diferenças entre as subjetividades humanas, pelas suas necessidades individuais e coletivas, além de enxergar “como as ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p. 177). Dessa maneira, metodologicamente, a partir de um estudo bibliográfico e de uma análise crítica, à luz da interseccionalidade enquanto ferramenta analítica, junto das problematizações sobre branquidade (MIRANDA, 2017) e cultura, tomamos o conto literário “A Gata Borracheira” como objeto de pesquisa. Justificamos essas inflexões acerca desse livro por acreditar que se constitui como obra discursiva de ideais de comportamento e

violências sobre as concepções de corpo e relações sociais ali vividas, ainda que esse conto também sirva como estratégia de reflexão sobre as marcas ali deixadas.

Para nossas problematizações escolhemos “A Gata Borracheira”, dos Irmãos Grimm (2018), originalmente intitulado de “Aschenputtel” - traduzido do alemão para o português como “Cinderela” - por carregar também a mensagem de “viver entre as cinzas”. Para que possamos ressignificar os corpos desde a infância que são corrompidos e marginalizados pela normatização de gênero e racial (presos a um mal-estar social), propomos desmitificar o conto em questão a fim de analisarmos o seu papel na sociedade ocidental e as imbricações relacionadas às influências discursivas vigentes da época clássica, referente ao século XIX.

Entendendo o conto de a gata borralheira e os contos de fadas na contemporaneidade

Os contos de fadas, principalmente o de Gata Borracheira, mais conhecido como Cinderela estão presentes em nossa sociedade há alguns séculos atrás, eram fortes os episódios de violências descritas nas versões de Perrault no século XVII, ainda assim, os Irmãos Grimm em dois séculos depois XIX continuaram a apresentar as mesmas propostas de Perrault nesses contos, porém, assimilaram os valores alemães da época, tais como “família, ética, trabalho e pátria, bem como a determinação dos gêneros da classe média patriarcal, valores amplamente difundidos no conto mencionado” (MORAES, 2011, p. 59). Desta maneira, equivalente ao diferente contexto, a sociedade disciplinar proposta por Michel Foucault continuou a se estender por todo o corpo social, fazendo da moral e da punição temas recorrentes na literatura, principalmente nesse conto de fadas.

Não é de hoje que a mulher vem sendo tratada como objeto em relação a sua subjetividade. As relações de gênero, raça e dominação circulam por todo o corpo social, até mesmo em um, aparentemente,

simples conto como o da Gata Borracheira, mais conhecido popularmente como o conto de Cinderela. Esse, como os outros contos ditam relações de poder a ponto de mascarar-se como apenas algo que provoque distração as crianças, jovens e adultos. Mas se disseminamos, esse conto sugere que o mesmo no interior de uma cultura disciplinar profere relações de gênero e raça marcadas pelo dualismo cartesiano, em que corpo e mente se separam a fim de que o sujeito seja fragmentado em sua totalidade. Uma vez que, os contos de fadas em geral, “transcendem barreiras geográficas, encantam o imaginário de crianças (e adultos) com narrativas, personagens, padrões de beleza, estereótipos, sentimentos, comportamentos que traduzem fascínio” (PEREIRA et al, 2018, p. 341).

No decurso da violência simbólica referente a intersecção de gênero e raça, o conto reafirma papéis sociais distanciando o sexo do macho em relação à fêmea, tendo em vista que, tais papéis são vistos como produto natural no contexto da sociedade em que seres humanos se constroem pela vigilância disciplinar. Esta construção da identidade de gênero e da sexualidade que defendemos como subjetiva é ofuscada por simbolismos hierárquicos a ponto de instruir o sujeito em maneiras instrucionais para construir o ser por intermédio do controle e fatores biológicos, tendo em vista que o mesmo deve viver e agir aos conformes, para não se desviar dos instrumentos de naturalização normativos que ditam poder sobre as relações de gênero constantes à ponto de impor os desviantes dessa normalização como as pessoas negras como seres abjetos, invisíveis e marginalizados.

Bortolotto (2010) explica que os contos de fadas se mantêm em nossa cultura de maneira atemporal, pois foi passado de geração em geração a datar das famílias do século XVII em que, mães, tias e avós circulavam os contos entre si e suas crianças de maneira convencional até que eles foram difundidos em livros e se fixaram em todas as gerações, até a chegada dos tempos contemporâneos. Visando este discurso, nota-se que os papéis sociais atribuídos a ambos os sexos nos contos tencionando a sociedade na época em que foram sistematizados,

repassaram valores e padrões comportamentais a fim de resguardar o patriarcado e fixar o repasse do adestramento corporal pela intervenção disciplinar.

Esses contos servem como um “espelho mágico” que induzem as crianças, seus leitores e ouvintes a se constituírem através da reprodução social que está sendo imposta nos mesmos, propagando um sujeito normalizado pela sociedade discriminatória em relação as subjetividades humanas de raça e gênero, que de forma bastante sutil, como no conto de Cinderela, violenta simbolicamente a construção social, racial e sexual da mulher e faz com que o homem seja categorizado como sujeito opressor, as relações de poder atingem todo o campo das subjetividades individuais.

O conto da Gata Borralheira é um dos, senão, o mais reconhecido em nossa sociedade desde os tempos antigos, similar a Bettelheim (2018, p. 329) “é um conto bastante antigo; ao ser registrado na china durante o século IX d.C., já possuía uma história”. Segundo o autor, esse conto tem origem Oriental por conta das características dadas ao pé da princesa como minúsculo, seu sapatinho dourado e a diferença de beleza em relação às outras mulheres que costumavam ter características parecidas. O conto em nossa concepção é um dos mais problemáticos, não que os outros não sejam, pois, desde essa época os antigos já costumavam associar a atração sexual com os pés minúsculos e frágeis da mulher que (in)visibilizava mulheres negras de seu contexto.

A versão mais popular do conto foi a que escolhemos para intensificar nossas análises, sendo ela a dos Irmãos Grimm (2018) que originalmente intitulado de “Aschenputtel” traduzido do alemão para o português como Cinderela e traz a mensagem: “viver entre as cinzas”. Há vários exemplos da língua alemã de como ser forçado a viver entre as cinzas era um símbolo não apenas de degradação, mas também de rivalidade fraterna, e do irmão que finalmente supera o irmão ou irmãos que o degradam (BETTELHEIM, 2018, p. 331). A discussão sobre viver entre as cinzas como tema central do conto foi primeiramente

relacionada à questão da intersecção de gênero e raça, mas não deixamos de evidenciar a violência doméstica e simbólica imposta no mesmo, como questão em foco.

Deslocamentos pela via da decolonialidade

Como a ideia é, também, a de estabelecer as relações de uma educação ou pedagogia provocadas pelos contos infantis no imaginário das crianças, suscitaremos, brevemente, alguns significados extraídos da dinâmica alemã para depois pontuarmos esses atravessamentos possíveis.

Há vários exemplos da língua alemã de como ser forçado a viver entre as cinzas era um símbolo não apenas de degradação, mas também de rivalidade fraterna, e do irmão que finalmente supera o irmão ou irmãos que o degradam (BETTELHEIM, 2018, p. 331). Ao redirecionarmos a discussão do conto para a contemporaneidade - segunda metade do século XXI -, inferimos a ideia de controle estatal relacionado ao poder e às degradações das diferenças. A discussão sobre viver entre as cinzas como tema central do conto será primeiramente relacionada à questão da intersecção entre gênero e raça, pois ambas categorias estão envoltas por relações de poder que assumem diferenças entre os corpos vinculados ao ser e ao se portar. Desta maneira, as relações de poder são primordiais na rede de transmissão de valores e normativas nos espaços disciplinares e nas relações subjetivas.

A transmissão dos aspectos citados anteriormente em “A Gata Borralheira” a partir do ideal do século XIX “prescrevem e dão manutenção a um modelo que organiza, naturaliza e valoriza a hegemonia masculina branca, jovem e economicamente ascendida e ao mesmo tempo inferioriza e subalterniza o papel e lugar do feminino em nossa sociedade” (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010, p. 2). Para os autores esse modelo provoca a organização de corpos e valores nos contos literários de fadas que são perpassados pela lógica binária do sexismo e pela lógica hegemônica do embranquecimento, tendo em

vista que ambos são mantidos em um processo de interiorização e sujeição social fundamentados na ideologia repressora da época.

É dentro dessa engrenagem normatizada e normatizadora que padrões sociais são criados e constantemente reforçados e reproduzidos. Nela, as identidades que estão em posição de poder se movimentam principalmente pela aquisição/manutenção de capital simbólico. É a partir dessa estrutura que a branquitude opera (MIRANDA, 2017, p. 63).

Com esse discurso pautado em uma lógica de embranquecimento, e uma lógica sexista relacionada à privação do corpo e da vida das mulheres, é possível refletir sobre o impacto social dos deslocamentos simbólicos e reais que tal modelo fomenta a possibilidade de desconstrução deste conto para desnaturar a lógica estrutural relacionada binarismo de gênero (masculino e feminino). A produção destes aspectos no conto relacionados ao social promove uma discussão sobre gênero e raça que organizam os corpos das personagens em determinados valores e limitações culturais/sociais, sempre por mirar os processos simbólicos da branquitude (MIRANDA, 2017).

A hierarquização e inferiorização de aspectos de gênero e raciais postos pela hegemonia branca causa a materialização de valores no corpo, principalmente no feminino atrapalhando as representações subjetivas humanas no campo social. Essa hierarquização esteia-se nos processos mencionados por Miranda (2017) em relação à normatização, o que ganha mais contornos tendo em vista que vivemos em uma sociedade alcinhada como miscigenada e de convivência tranquila entre diferentes tipos de gênero e raça.

Cinderela enquanto Gata Borralheira vivia suja e rejeitada pelas pessoas à sua volta, porém, no momento em que a mesma conseguiu limpar-se das cinzas emanou sua ascensão social ao lado de seu príncipe encantado ocupando seu lugar de poder na sociedade. Essa possibilidade de mobilidade social só acontece com o casamento em que a mocinha transita, ainda que pelo controle masculino, do espaço

privado (doméstico) para o espaço público (social), somado à perpetuação da hegemonia branca masculina.

Essa pressão social exercida pela hegemonia causa um conflito de poder referente à raça, pois ainda que na época prevalecia-se o corpo branco nas narrativas ficcionais, sempre existiram pessoas negras. Porém, no conto é como se as pessoas negras não existissem ou foram simbolicamente representadas pelas cinzas. O aspecto criado pela fuligem conota, ainda, uma demarcação de classe, tanto que o livrar-se dela representaria uma ascensão, duto de outro modo, “a valorização da cultura branca no conto ressalta as maravilhas de livrar-se das cinzas e ou dos pés grandes, pois tal ação possibilita o acesso ao universo social desejado” (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010, p. 7).

Tendo em vista que as cinzas do borralho que cobriam Gata Borralheira deixavam sua pele com tons mais escuros, ou seja, uma pele enegrecida que a colocava em condição de serviçal. Quando essas cinzas foram retiradas, a personagem conseguiu sua ascensão social resultante do seu corpo branco “limpo” e nobre. De alguma forma as cinzas que escureciam sua pele a rebaixaram frente à madrastra e as suas meias-irmãs que continuavam brancas, arrumadas e limpas. O exemplo nos mostra como a ideologia da época estava ligada à adequação dos corpos das mulheres dentro do padrão denotado como aceitável na sociedade patriarcal (BELARMINO; BORGES; MAGALHÃES, 2010).

Quando direcionamos a problemática para o âmbito educacional, urge pensarmos não na exclusão das leituras das obras consideradas clássicas, mas problematizá-las a fim de evocar a criticidade pela via da educação.

É necessário entender que não há problema em continuar com a leitura dos contos clássicos no contexto da educação infantil e anos iniciais, desde que os mesmos não sejam apenas repassados no sentido técnico da questão e de maneira ideológica e excludente, mas sim refletidos sobre eles a fim de proporcionar o pensamento crítico no processo de ensino e aprendizagem, principalmente com o

investimento na formação de professores de mais qualidade para essa temática e área de conhecimento (SOUZA, 2020, p. 163-164).

Os apontamentos de Souza (2020) colocam para o corpo docente a importância do processo de investimento em formação na aprendizagem. Não significa dizer que o simples acesso aos processos formativos tornem possíveis essas criticidades, mas vale ressaltar as necessidades de oferta e o amplo diálogo sobre uma educação questionadora da norma e da naturalização da mesma.

Questionar o poder, pensando em Foucault (1996), da/na norma ficcionado na 'Gata Borradeira', impulsiona as noções de contra poder e abre espaço para os debates/embates das políticas estatais de normatização. A categoria de interseccionalidade representaria, no nosso caso, uma chave analítica dos atravessamentos experienciados pela protagonista da narrativa e seus ecos racializados.

Somamos, ainda, os (re)posicionamentos decoloniais à esteira de Ramón Grosfoguel (CASTRO-GÓMEZ,=; GROSGOQUEL, 2007; GROSGOQUEL, 2009) e suas propostas sob uma mirada epistêmica que parte da perspectiva da subalternidade da diferença colonial. Esse movimento provocaria, entre outras coisas, um debate crítico. O decolonialismo representaria, deste modo, uma estrutura anti-colonial, de resistências e inventividades frente ao que o imperialismo exerce no mundo globalizado. Grosfoguel (2009, p. 44) delinea essa perspectiva da seguinte maneira:

- 1) uma perspectiva epistêmica descolonial exige um cânone de pensamento mais amplo do que o cânone ocidental (incluindo o cânone ocidental de esquerda);
- 2) uma perspectiva descolonial verdadeiramente universal não pode basear-se num universal abstracto (um particular que ascende a desenho – ou desígnio – universal global), antes teria de ser o resultado de um diálogo crítico entre diversos projetos críticos políticos/éticos/epistêmicos, apontados a um mundo pluriversal e não a um mundo universal;

3) a descolonização do conhecimento exigiria levar a sério a perspectiva/cosmologias/visões de pensadores críticos do Sul Global, que pensam com e a partir de corpos e lugares étnico raciais/sexuais subalternizados.

Conforme o autor, levantar esses questionamentos para tudo aquilo que já está consolidado como universal desponta potências críticas somadas às possibilidades de ruir com cânones universais ao tempo em que suscita o particular e a pluriversalidade. O movimento narrativo do conto outrora poderia ser questionado segundo um recorte de gênero e/ou de classe, além das questões de parentalidade etc. Contudo, as intersecções racializadas, para tentar esmiuçar mais essas narrativas, revelam essas camadas sutis do conto alemão: a ascensão social possível graças ao clareamento da protagonista. Ao importarmos esses contos para o uso junto de crianças, o fizemos sem pontuações críticas, o que implica afirmar a hipótese de que criou um paradigma no imaginário popular infantil esse movimento de ascensão junto ao príncipe.

Vale, ainda, questionar se o príncipe teria sentido a paixão por Cinderela toda coberta de fuligem, enegrecida, em certa medida, e, portanto, deslocada de uma categoria de classe e desejo. O conto carrega esses processos colonizatórios e podem ser absorvidos sem criticidade pelo público infantil, reiterando uma práxis de pensamento universal, colonizadora e de poder proveniente do norte global.

Considerações finais

Então, como resultado de pesquisa conclui-se que o conto por sua vez impede o deslocamento subjetivo e político no processo de construção da identidade negra e desnaturaliza a mulher enquanto subserviente no espaço social. Desta maneira, há a necessidade de ressignificá-lo para a efetivação de uma sociedade igualitária livre das amarras ideológicas da raça, do sexo, dos gêneros e das sexualidades. Também se conclui que o conto de A Gata Borracheira quando analisado

serve como proposta para desconstruir e reposicionar os padrões normativos sociais, uma vez que os contos são documentos históricos e artefatos culturais e educacionais pertencentes à cultura oral e estudados pela pedagogia cultural enquanto material didático. Quando não questionados esses contos eles se tornam meros reprodutores da violência nos corpos humanos desde a infância, uma vez que existem várias formas de ser e se portar em relação às subjetividades.

Mesmo que a história pertence ao mundo da fantasia, ela não é inteiramente falsa, pois retratam de forma imaginária e simbólica os conflitos relacionados à experiência e desenvolvimento pessoal, passos essenciais para conquistar a autonomia. Através da ludicidade que o conto em questão proporciona, torna-se mais prazeroso entender as contradições geradas por conflitos humanos. A partir da experiência o ser humano autônomo pode construir novas possibilidades de serem princesas e transformar a violência de gênero e raça presente no conto em independência. Um passo à frente para a efetivação da sociedade e educação plural que acredita no ser em sua totalidade ausente de estereótipos.

Todos os indivíduos presentes em sociedade e principalmente na escola se encontram em uma relação entre inclusão e exclusão perante sua raça, orientação sexual e identidade de gênero, o que reforça o assunto sobre a violência simbólica, que são vivenciados notoriamente no ambiente escolar, que se reproduz na ação e prática docente principalmente por intermédio dos contos literários de fadas, como no conto em questão, de A Gata Borralheira.

Desta maneira, toda a história repressiva e organizacional referente às forças de poder pode ser repensada principalmente no ambiente da formação docente para que possamos pensar nas mudanças e outras formas de relações, levando como princípio às subjetividades humanas. Ao pensarmos nessas questões, concordamos que “todo sujeito é uma expressão terminal destas relações e forças [...] tanto no aspecto de forças que subjagam, conquanto que exercem tipos de dominação, coação, numa multiplicidade de poderes-saberes...”

(CARVALHO, 2008, p. 111). Sendo assim, a escola como um ambiente que pensa a formação e ação dos sujeitos implica intrinsecamente relações de poder. Logo, esse último pode ser subversivo às normas repressivas postas em nosso estudo a fim de repensar a reprodução patriarcal racista e heterossexual para com as novas formas de expressão e subjetividades humanas.

Referências

- BELARMINO, Renata Cristina; BORGES, Larissa Amorim; MAGALHÃES, Manuela de Souza. A princesa branca dos contos de fadas e a mulher negra da vida real: uma discussão sobre gênero e raça no conto da Cinderela. *In: Fazendo Gênero, 9.*, Florianópolis, 2010. *Anais [...]*. Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, 2010.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- BORTOLOTTI, Mayara Marcanzoni. *A mulher como personagem nos contos de fadas e nas publicidades*. 2012. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- CAMPOS, Jefferson; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. (En)Cena(ção) negra militante em tempos de democracia: uma política de ressentimento? *In: CAMPOS, Jefferson; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro (Org.). Debates decoloniais, sexualidades, gêneros e interseccionalidades*. Maringá: Editora Trema, 2020. p. 17-32.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de. *Da sujeição as experiências de construção de si na função-educador: uma leitura foucaultiana*. 2008. 204p. Tese (doutorado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico... *In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Org.). El giro decolonial:*

- reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 9-23.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GRIMM, Irmãos. *Contos maravilhosos infantis e domésticos/ Jacob Grimm e Wilhelm Grimm*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Periferia*, v. 1, n. 2, p. 41-91, jul./dez. de 2009.
- MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Branquitude invisível - pessoas brancas e a não percepção dos privilégios: verdade ou hipocrisia? In: MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (Org.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris Editora, 2017. p. 53-68.
- MORAES, Eliana Aparecida Gaiotto de. *Análise do contexto histórico-social e das marcas deixadas no discurso pelo enunciador em diferentes versões dos contos de fadas Cinderela*. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Bauru, 2011.
- PEREIRA, Charliane Martins et al. *A representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto cinderela*. RICS. São Luís, 2018.
- SOUZA, Ravelli Henrique de. *Da repressão sexual ao direito de ser e saber: agora é nossa vez*. 2020. 175 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.